

**ENSAIO DE CONSTRUÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE CRÍTICA:
A “OFICINA TOTAL” DE ARQUITETURA DE CÓRDOBA.
(ARGENTINA, 1970-1976)**

Silvia Alícia Martínez - (UENF)

Durante as décadas de 60 e 70, no contexto latino-americano, se viveram momentos de grande agitação social e expectativas políticas, ante as possibilidades de mudanças estruturais que se vislumbravam ao longo do continente, principalmente nos momentos em que as ditaduras mostravam algum tipo de fragilidade ou ainda não tinham se apoderado do poder formal.

Na Argentina, grupos de professores e alunos universitários impulsionados pela crença na possibilidade de “mudar o rumo da história” -superando uma condição nacional de *dependência* econômica, política e cultural-mergulharam num projeto de grande responsabilidade social: a construção de um país onde primasse o bem-estar da totalidade da população. Assim, empreenderam nas universidades uma fértil aventura pedagógica, que resultou na criação de um conjunto de inovações teórico-práticas.

Dentre um elenco bastante diversificado de experiências, neste texto nos centraremos naquela desenvolvida na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Córdoba, cujos germes se encontram ainda nos últimos anos da década de 60, paradoxalmente durante governos autoritários. O seu abrupto final, por outro lado, foi produzido pela mais brutal das ditaduras que assolou o país na segunda metade do século XX, aquela autodenominada Processo de Reorganização Nacional e que se iniciou em 1976 com o golpe militar do general Videla.

Para resgatar essa história -apenas lembrada entre os participantes da oficina- nos valem do próprio relato dos professores nela envolvidos. As fontes privilegiadas, portanto, foram orais, a partir de oito depoimentos obtidos em sessões de entrevista, que totalizaram em torno de vinte horas de gravação, obtidas ao longo da viagem de trabalho de campo.

Os estudos sobre memória nos ajudaram a entender as relações com a história, buscando em autores-chaves alguns conceitos que nos permitissem elucidar melhor os relatos acerca desse momento da educação argentina. Nosso olhar histórico esteve voltado e

atento às racionalidades e estratégias acionadas pelos professores, alunos, comunidades acadêmicas e indivíduos, em geral.

A utilização das narrativas orais como documento privilegiado da nossa pesquisa, não se justificou a partir da falta de documentos tradicionais -já que é possível encontrar suficientes documentos escritos desta experiência como para fazer *uma* leitura do passado- mas se constituiu em opção metodológica, sustentada por uma nova visão da história, através da que mergulhamos no cotidiano dos atores sociais que a produziram.

Os esquecimentos, os silêncios, as reticências dos depoimentos de alguns; as lembranças e o estado de vigília permanente da memória de outros, foram entendidos e analisados à luz de teóricos deste campo. (Halbwachs (1990); Nora (1993); Pollak (1989; 1992); Portelli (1997); Schieder e Sellin (1991); Sirinelli (1996); Voldman (1996); Yerushalmi (1998); entre outros.). Lamentavelmente, essas narrativas não puderam ser incorporadas neste texto, dado os limites formais do mesmo.

O ensino da arquitetura “moderna” na Argentina

A arquitetura mantém, pela sua própria idiossincrasia, um *status* ambíguo entre os centros profissionais e as escolas de arte. A arquitetura é uma profissão sólida e dotada de importantes funções sociais, mas também tangencia as belas artes e, como afirma Shön (1992), *"las artes pueden sentirse incómodas en las estructuras de investigación que caracterizan a las modernas universidades"*.

Por esta influência das artes, o ensino da Arquitetura apresenta características próprias se comparado ao de outras profissões tradicionais, pois se organiza em oficinas: oficinas verticais, oficinas de desenho.

A organização inicial da Faculdade de Arquitetura de Córdoba não fugiu a esse modelo. Principalmente a partir de 1955, com a ruptura renovadora que significou na Argentina a queda do peronismo, ingressaram novos professores, a maioria deles exilados europeus e a Faculdade passou a organizar-se nos moldes da arquitetura “moderna”, em forma de oficinas verticais, entendidas como um local de trabalho e dirigidas por um

arquiteto. O trabalho em oficinas ficava restrito às disciplinas de cunho prático, como desenho ou projeto, por exemplo.

Já em fins dos anos 60, alguns problemas começaram a aparecer e a incomodar: o primeiro, resultante da estrutura da Faculdade fortemente apoiada sobre as *cátedras*, totalmente autônomas, espécie de feudos -que de alguma forma fazem lembrar a organização atual- com reiterações ou superposição de conteúdos, além de visões totalmente diferenciadas entre os professores.

Outro aspecto a ser observado é que, enquanto profissão, a arquitetura deveria adquirir um status próprio, longe da faculdade de engenharia. Nesse sentido, o fato de ter incorporado novos docentes que renovaram a *visão* da Arquitetura, não trouxe como consequência um questionamento do *ensino* da Arquitetura quanto à organização, métodos didáticos, mecanismos, procedimentos, etc., como seria de se esperar.

Quem se preocuparia com as questões pedagógicas? Quem pensaria caminhos para melhorar o *ensino* da arquitetura? Precisamente uma nova geração de profissionais, pedagogos e arquitetos discípulos dessa geração renovadora, docentes jovens que, a partir dessas interrogações, imprimiram originalidade ao ensino da arquitetura, criando, num período posterior, a Oficina Total.

Apontando para o contexto político maior, entre os entrevistados houve unanimidade em destacar a intervenção das universidades durante o governo “de fato” do General Onganía, em 1966, como um dos momentos mais dramáticos que viveu a universidade argentina. Nessa oportunidade, sessenta e seis arquitetos foram “mandados embora” da Faculdade de Arquitetura de Córdoba pela sua participação “numa greve”. Esta medida acabou desatando “*la crisis universitaria más grave desde la época de Rosas*”, segundo palavras de Ricieri Frondici, antigo reitor da UBA, no momento em que equipes inteiras de pesquisa tinham-se trasladado a outros países, tanto latinos como norte-americanos.

Assim, sem querer usar cronologias políticas, ao falar da história da Universidade argentina acabamos lançando mão delas, por dois motivos básicos: primeiro, porque recorrentemente foram usadas por nossos entrevistados; segundo, e em íntima relação com o anterior, porque estas instituições foram o alvo preferido de intervenção política dos diferentes governos, tanto o instalado em 1945, como o de junho de 1966 e, posteriormente,

o de 1976. Os próprios entrevistados, então, falando da história do curso de Arquitetura de Córdoba, insistiram em destacar uma cronologia política ao analisar este período.

Foi constatado, também, que as cronologias políticas serviam aos nossos entrevistados como *campos de significados*, pontos de referência estruturantes dos quadros sociais da memória, fundamentais para a rememoração do passado, na medida em que essas localizações espaciais e temporais das lembranças são a essência da memória.

Da efervescência e mobilização estudantil à proposta pedagógica

A repressão, na universidade e na sociedade em geral, foi provocando descontentamento em vários estratos da sociedade. Em Córdoba, especificamente, um acontecimento muito importante para o futuro do país iria se produzir: o Cordobazo.

Revolta operário-estudantil de singular importância e repercussão nacional acontecida em 29 maio de 1969, muitas vezes é identificada com o início do fim do governo de Onganía, embora tenha tido significações diferenciadas.

Para os trabalhadores, este episódio representou a materialização de uma prolongada resistência à política que, desde o fim do peronismo, lograva acabar com os ganhos em matéria social e institucional que este havia promovido. Para os estudantes, no entanto, simbolizava o início de uma caminhada que tentava subverter uma ordem para eles injusta, politicamente cínica e corrompida.

Este importante acontecimento local é lembrado por nosso entrevistado José como marcante de um momento histórico, assim como outro, de caráter externo -mas vivido como um "fato local" - que teve amplas repercussões no país e no mundo: o Maio de 68 na França. Podemos considerar que tanto o Cordobazo como o Maio Francês constituem-se em *pontos de referência*, que estruturam a memória de José, inserindo-a na memória da coletividade à qual ele pertence. Ambos os acontecimentos funcionam como pilares de resistência contra o esquecimento, tendo por função a construção de um bloqueio que evita o desaparecimento das lembranças no movimento da história, cumprindo um papel na cristalização e transmissão do ocorrido.

No contexto da universidade, este arquiteto também lembra que por esses anos começou a surgir a "arquitetura social", através da grande quantidade de concursos públicos para a construção de moradias populares. Este dado é importante, pois o "social" apresenta-se neste momento como o fator mobilizador da sociedade. E aqui chegamos à idéia de mobilização, outra das características fundamentais desse momento.

Os entrevistados, a partir dos seus pontos de vista particulares, coincidem em relatar o surgimento, na Faculdade de Arquitetura, de problemas de diferente índole embora não necessariamente desconexos. Como característica abrangente, surgem novos atores profundamente relacionados aos movimentos políticos, que geravam uma situação interna não harmônica nem isenta de conflitos.

Se os estudantes da década de '60 destacavam-se pela grande participação na política universitária não partidária, novas identidades políticas surgiram nos anos 70, marcadas por ampla gama de posições contestatórias e opositoras ao regime, unindo-as a falta de credibilidade nas estruturas políticas "tradicionais" e a crítica à ordem estabelecida. Uns e outros empenhados na construção de uma nova sociedade, que apresentasse um discurso e uma prática voltados para o questionamento, onde a ideologia passava pelo cotidiano.

Nesse cenário privilegiado que foram as universidades, grande número dos alunos passou a engrossar o caudal da "nova esquerda" (Torti: 1998).

Além do movimento operário, cujo protesto e oposição combativa à ditadura durante aqueles anos é necessário destacar, o clima de questionamento e radicalização também alcançou alguns grupos da Igreja Católica, influenciada pelos Teólogos da Libertação. Estes, congregaram numerosos contingentes de jovens da juventude católica, incorporando-os à política, chegando a simpatizar depois com as organizações armadas, principalmente Montoneros, organização de extração peronista, que surgiu de forma abrupta no início de 1970, seqüestrando e assassinando o ex-presidente Aramburu.

A esquerda tradicional estava composta por socialistas, comunistas e trotskistas, começando a sofrer intensa fragmentação a partir da revisão da experiência peronista, embora unidos na certeza da inevitável apelação à violência popular nesse processo revolucionário.

Nesse momento, as Forças Armadas tinham entrado paulatinamente numa profunda crise tanto interna como de credibilidade social. Onganía fora sucedido por Levingston, este posteriormente foi substituído por Lanusse que, ante a revolta social e a guerrilha, reintroduziu o debate acerca da alteração do regime e propôs o Grande Acordo Nacional (GAN), que resultou na eleição de Cámpora, do Partido Peronista, como presidente.

Neste complexo contexto, agora já fazendo referência à experiência que nos ocupa, os entrevistados destacaram o descontentamento em relação à carreira de arquiteto e relataram que, para a tomada de decisões em relação à mudança, houve um "grande encontro" - que não estava isento de conflitos-onde se apresentaram diferentes propostas de mudança. A votação, quase por unanimidade, resultou a favor de um novo modelo curricular para o curso, priorizando um tipo de arquitetura que levasse em consideração o contexto social.

As lembranças diferenciadas acerca daquela época implicam diferentes posições em relação à mesma. A leitura da complexa realidade política da universidade que José fez deixa transparecer uma “denúncia” quase velada de certo dogmatismo ao recordar a hora da adesão à "Total": *“cuando nosotros volcamos la votación, (...) la ven en política. Y entonces dicen: 'si votan esto tienen que venir al pie de lo que nosotros proponemos’. No hubo posibilidad de negociar...”*.

Os outros entrevistados valorizam a época, qualificando-a como *“de efervescência total”*. Sintetizando em poucas palavras esse momento na Argentina, usaremos uma das frases privilegiadas de então: *“todo é política”*.

Os germes desse modelo tinham sido idealizados por um grupo de arquitetos, dentre os quais se encontrava o decano-interventor, Juan Carlos Fontán. Este solicitou a participação de uma equipe de pedagogas vinculadas à Escola de Ciências da Educação da Faculdade de Córdoba para dar corpo -ou para legitimar, como afirmou uma entrevistada- essa nova proposta curricular de tipo acadêmico, clamada por ser implementada, a partir dos problemas detectados no interior da Faculdade.

Nesse sentido, revelou-se interessante o explícito reconhecimento da especificidade do campo das Ciências da Educação e da necessidade de repensar qualquer tentativa de mudança na formação do arquiteto sob a orientação de profissionais da área. Também se destaca a necessidade sentida na época da formação continuada dos docentes universitários.

Oficina Total em foco

A Oficina Total consistiu na incorporação de *todos* os/as docentes e alunos da Faculdade de Arquitetura na execução de uma proposta pedagógica comum, interdisciplinar e com um desenho curricular inovador.

A seguir, apresentaremos sucintamente em que consistiu esta experiência, abordando sua estrutura e algumas de suas particularidades, que emergiram com força nos depoimentos, como a área denominada AES, o trabalho das pedagogas, a mobilização dos estudantes e a avaliação.

a) Objetivos e estrutura da oficina: o trabalho pedagógico foi desenvolvido a partir de duas premissas básicas: a arquitetura é uma profissão de caráter eminentemente social e o seu ensino deve partir da análise da sociedade e suas necessidades, numa gestão democrática participativa.

O objetivo presépio da Oficina Total (O.T.), em função do qual se organizaram docentes e alunos, foi delineado nos “*Fundamentos básicos del Taller Total*”, propondo:

“Proyectar al alumno a una realidad que abarca y determina en cierta medida su quehacer actual y en la cual deberá comportarse como miembro activo en una co-gestión constructiva del conocimiento. En otras palabras, contribuir a la obtención de una transferencia real. Instrumentarlo en una organización de pensamiento y acción para desarrollar en él la capacidad de comportarse ante situaciones nuevas con exactas apreciaciones, con un mínimo de error, como así también en el adiestramiento de toma de decisiones.” (pag. 5)

A estrutura funcional da Oficina Total foi composta pela interação de três subsistemas articulados: ciclos, áreas e campos de conhecimento.

O curso constituiu-se de três etapas, de caráter obrigatório para a obtenção do diploma de Arquiteto, denominadas Ciclos: *Básico*, constituído pelo primeiro ano; *Médio*, de três anos de duração e *Superior*, que abarcava os dois últimos anos. (Fundamentos básicos del Taller Total, 1971). Esta estrutura dividida em “ciclos” se fundamentava na possibilidade de fixar objetivos mais amplos e globais, definidos por *Níveis*.

A Área era entendida como “*la coordinación y ensamble de conocimientos tendientes al estudio e interpretación de la realidad a partir de una metodología común.*” (p:8) , fixando quatro áreas para a estruturação do Plano de Estudos: *Área de Desenho; Área de Tecnologia; Área de Ciências Sociais e Área de Síntese.*

Cada área mantinha a especificidade do seu enfoque, embora se inter-relacionasse com as outras para constituir a Oficina, mantendo a temática Arquitetura-Urbanismo como objeto multifacetado.

É interessante resgatar a concepção do "processo de aprendizagem" -que sustentava esta proposta-entendido ao mesmo tempo como científico e operativo. “*Para la pedagogía moderna, el aprendizaje es un proceso mediante el cual el individuo internaliza pautas que provocan cambios más o menos duraderos en su conducta.*” (p: 1). Acrescentavam que o indivíduo muda porque incorpora novas formas de resolver os problemas suscitados pelas situações enfrentadas.

Criticavam a acumulação de informações isoladas e a clássica divisão de matérias dentro da Universidade, por terem-se tornado compartimentos estanques, com ênfase nos conteúdos como respostas acabadas a todas as situações possíveis. Também questionavam o conceito de inteligência subjacente ao conceito de ensino e aprendizagem, pois era considerada como uma faculdade receptora de informação.

Explicitamente propunha-se um ensino universitário que possibilitasse a formação e capacitação de um sujeito para enfrentar situações novas e resolvê-las, um indivíduo que pudesse realizar transferências de conhecimentos ou operar esquemas lógicos sobre situações novas, tendo por base um aprendizado considerado como processo evolutivo, dinâmico, emancipatório, operação constante, possível de se se verificar na inter-relação do sujeito com o meio.

A partir daí, estabeleceram *princípios metodológicos*, considerados como base, tanto do ensino da OT., como dos requisitos da função docente:

- “Organización de situaciones que impliquen una búsqueda permanente de soluciones, aparte del conocimiento de las ya dadas, a partir de un pensamiento reflexivo y no meramente repetidor.
- Planteamiento de situaciones de aprendizaje en las que se percibe claramente la interrelación de conocimientos como totalidades complejas (surgimiento de la actitud interdisciplinaria).

- Programación de situaciones que impliquen una búsqueda del conocimiento en forma individual y grupal."(p: 5)

Arquitetos, pedagogas e outros profissionais que apresentaremos a seguir, estavam tentando dar resposta a três problemas principais: 1) a questão da concepção da arquitetura, como fenômeno social; 2) a problematização do papel do arquiteto e 3) um redimensionamento do ensino da arquitetura.

Os docentes, que necessariamente se constituíram, também, numa Equipe, foram integrados com um número estável de 5 membros por Equipe de Trabalho segundo as necessidades, ou se integravam aos pequenos grupos (comissões de trabalho por nível ou internível).

A relação estabelecida entre as Equipes de Trabalho assentava-se sobre uma programação comum, na comunicação e no intercâmbio das equipes docentes e nas relações dos grupos de alunos.

Como sintetiza Roig (1973), tentou-se desenvolver o exercício da docência e da pesquisa ao redor de um “programa de trabalho comum” onde o aluno participava como ser ativo e responsável, a partir do trabalho grupal e interdisciplinar, com primazia da noção de “serviço”. A formação passou a caracterizar-se por uma pedagogia indutiva, com especial interesse no “fazer”, embora sem esquecer-se da teoria enquanto fundamentação da “práxis” social.

b) AES - Três letras cheias de “sentido”: Antropologia, Economia y Sociologia. Assim foi denominada uma área dentro da estrutura da Total, que dava suporte e assessoria aos professores. Com a sua incorporação se reconhecia a importância das ciências sociais trabalhando em prol de uma mudança de rumo na orientação dada ao curso de arquitetura, para poder refletir acerca dos problemas sociais que a Arquitetura poderia ajudar a resolver.

Facundo, o coordenador dessa equipe, considerava que a AES tinha a finalidade de dar suporte de pesquisa para “conhecer empiricamente” a realidade na qual interviriam os arquitetos: *“se suponía de que antes de cualquier tipo de intervención había que hacer un tipo de investigación sociológica-antropológica, que permitiera saber con quién se iban a enfrentar posteriormente”*, declarou.

Um pouco diferente era a posição de Benjamin, ao considerar que o papel dessas disciplinas era o de mudar o “enfoque” do curso: *“esas tres disciplinas antropología, sociología y economía, que se llamaron AES, tenían que ver con balancear, caracterizar lo negativo de la historia de la arquitectura, que era la historia de los monumentos, la historia de las piedras.”*

Na verdade, a inclusão desta área se justificava pela convicção da necessidade do que hoje consideramos “*formação em serviço dos docentes*”, da concepção da *arquitectura como curso multidisciplinar*, em contraposição à arquitetura como arte; e profundamente vinculada à premissa anterior, sua *função social*.

c) “*As pedagogas*”: O trabalho desenvolvido pela equipe de pedagogas foi muito destacado nos depoimentos dos arquitetos, principalmente sua atitude “indagadora”, “reflexiva”, “dedutiva”, “*se incorporaron preguntando, no respondiendo*”, segundo suas afirmações. Já elas comentam a euforia com que foi recebida a proposta, a dificuldade de montar uma oficina com toda uma faculdade, a resistência de certos professores, temerosos ante a possível perda de privilégios.

Como dado emergente e significativo, em várias das narrações encontramos apreciações que deixavam a mostra antigos padrões de gênero. Quando os arquitetos faziam referência à equipe pedagógica, as chamavam de “*as pedagogas*” ou “*elas*”.

Por décadas, restritas ao trabalho no magistério primário, as mulheres argentinas aceitaram, já no final do século XIX, o ideário normalista, no qual a política e as lutas pelo poder não formavam parte da educação. Diversos acontecimentos políticos fizeram reverter essa situação, como o peronismo, o conflito social conhecido como da “laica-livre” durante o governo Frondizi em 1958, até assumir uma militância política ativa na década de '70, disputando legitimidade novos modelos de mulher.

Apesar dessa substancial mudança, o trecho do relato de Benjamín é ilustrativo da tradicional distribuição de cursos da época por antigos padrões de gênero, onde, mesmo dentro da Universidade, certas áreas profissionais ainda naquela época eram reservadas aos homens, como o caso da Arquitetura; outras, às mulheres, como a Pedagogia:

“(...) eran 8, 10 mujeres juntas en el año 70, en la Argentina, que era una cosa de extraterrestre, que no es pensable eso traída por un sólo tipo, o por un

grupo pequeño de tipos, que estaban haciendo que hubiera... el clima era de efervescencia total... "

d) **Os estudantes:** Apesar de priorizar a voz do grupo “protagonista” da experiência, é muito importante fazer referência a um coletivo que teve importância relevante, materializado nos estudantes.

Esses grupos, ao fim da década de 60, em quase todos os continentes, manifestaram - como um dos traços distintivos-sua *recusa*, tanto ao “american way of life” dos países capitalistas, como ao “autoritarismo stalinista das direções partidárias que impedia a construção do socialismo” naqueles países.

No contexto da Universidade que nos ocupa e para além da recusa: discussão, deliberação, votação, mobilização permanente, “aplausômetro” , participação, propostas, constituíam as diversas formas de manifestação desse ator da década de '70 por excelência.

Nos diferentes “olhares” dos professores acerca dessa “cultura estudantil”, é possível advertir o papel fundamental que atribuíam aos estudantes no projeto de criação de uma nova faculdade. O grupo dos docentes não deixou de observar tanto os acontecimentos juvenis internacionais como os intrínsecos ou particulares. Uns relativizavam o poder dos estudantes enquanto “grupo”, destacando o papel das “lideranças”. Outros, pelo contrário, destacavam o poder do trabalho em grupo, a força da deliberação, da organização e a agilidade com que materializavam mudanças. Nenhum deles minimizou o papel que os estudantes assumiram nesses anos e naquela experiência em particular.

É interessante conhecer algumas particularidades da juventude cordobesa daquela época, principalmente o peso quantitativo dos estudantes universitários, que se instalavam na cidade de Córdoba, oriundos de várias localidades: do interior da província, do norte e leste do país e até do Peru e da Bolívia, como confirma a análise sociológica elaborada por Crespo e Alzogaray (1994).

O peso da presença destes estudantes, que uma vez na cidade passavam a morar em pensões, “repúblicas” e grandes colégios, chegou a aportar identidade a determinados bairros de Córdoba, como por exemplo, Clínicas.

Cabe, ainda, destacar o surgimento de um novo tipo de estudante na década de 60, como registram os mencionados autores: “o estudante trabalhador”. Este dado pode ser

significativo ao tentar entender a identificação dos estudantes com os movimentos operários, como se observou, por exemplo, no Cordobazo.

e) A avaliação: Em qualquer nível do sistema educativo, a avaliação é a instância mais controvertida e difícil de concretizar. Numa época em que a pedagogia estava pregando a “auto-gestão”, influenciada pela reflexão da Escola de Bavária, pela Psicologia Institucional e por muitas outras fontes, uma proposta inovadora como a desta Oficina não podia ser objeto de uma avaliação tradicional. Assim sendo, tornou-se possível observar que a avaliação da “Total” foi inovadora, criativa, mas não isenta de conflitos.

A partir dos depoimentos e dos documentos fragmentários que possuímos foi possível observar que existiam *diversos* níveis de avaliação dentro da oficina. Em primeiro lugar, estavam as avaliações que os docentes faziam dos alunos, para as quais existiam normas concretas, adequadas a cada modalidade empregada: por Equipe de Trabalho, por Nível, por Comissão de Trabalho por Nível, por Comissões Internível ou Individuais.

Para ser considerado como um aluno “regular”, este deveria ter 80% de presença às aulas; tinha que realizar 100% das tarefas exigidas; e precisaria contar com 100% de assistência às avaliações parciais.

Avaliava-se também a participação, o domínio dos conhecimentos e a produção de cada aluno em relação ao trabalho realizado, fora ele grupal ou individual. Essas avaliações eram de caráter público e com a participação dos alunos, que também se auto-avaliavam e se avaliavam entre si. Este último tipo de avaliação se realizava nas assembléias, nas quais - através de uma leitura atual realizada por um entrevistado- ficava em evidência o dogmatismo dos partidos políticos, que exerciam muita pressão na universidade politizada.

Além disso, existia uma avaliação entre os docentes da própria oficina, assim como uma auto-avaliação dos professores. Um professor fez alusão à dificuldade em avaliar os colegas, não por falta de capacidade, mas pela pouca aceitação de crítica por parte dos docentes. Para a auto-avaliação docente existia uma série de critérios pré-estabelecidos. *Instrumentação básica/específica* -transmissão de conhecimentos e planejamento de experiências, organização das tarefas, avaliação da aprendizagem e das tarefas-, *Integração ao Equipo Docente, Equipo de Trabalho e Coordenação Interna.*

Numa outra esfera, existia uma avaliação periódica que as pedagogas faziam do funcionamento da oficina, um tipo de *avaliação técnica* a partir da observação direta do trabalho desenvolvido no interior de cada Oficina, e as auto-avaliações realizadas pelas Comissões de Trabalho.

Considerações finais

A partir de fragmentos, foi possível observar que a reflexão, a crítica e o convencimento da incompletude do sistema estiveram presentes desde o início da experiência. Como balanço, foram aparecendo nos depoimentos várias autocríticas, principalmente no que se refere à falta de separação clara entre militância política e trabalho pedagógico e foram destacados alguns exercícios nos quais tentava-se realizar uma gestão democrática.

Uma avaliação abrangente desta experiência conhecida como “Oficina Total”, que permitiria a elaboração de conclusões, nunca chegou a concretizar-se. Mas, por que esta ausência? Dar resposta a este questionamento vai levar-nos a uma outra questão que é a do “fechamento” da Total, ao seu fim.

Da mesma forma como aconteceu com muitas propostas de mudança que se desenvolveram na época, o fim da Oficina Total veio articulado com um bem equipado aparato repressivo que, junto com a violência física e a repressão dos seus mentores, trabalhou em cima do apagamento sistemático da memória, suscitado pelo aniquilamento de documentos, livros, notas, projetos.

Como já adiantamos ao longo deste texto, em 1976 a ditadura encabeçada pelo general Videla deu fim a esse movimento de renovação que estava-se desenvolvendo nas universidades argentinas. Entretanto, embora esse processo de repressão e morte ficasse institucionalizado com o golpe militar do 26 de março, o agir das forças paramilitares ligadas à *Triple A* (Alianza Anticomunista Argentina) pertencentes às facções da direita peronista, tinham começado suas atuações em 1974 e foram responsáveis pelo desaparecimento de mais de 1000 pessoas.

Deste modo, não podemos deixar de registrar o processo de "apagamento da memória sistemático" que essas organizações desenvolveram. Como saldo: parte da história da universidade argentina foi "esquecida"; sua memória ficou sem "suportes".

Ao empreender a tarefa desta reconstituição histórica através de "vestígios do passado" intuíamos que existiam professores que lutavam contra o esquecimento, pretendendo sobreviver como arquivadores, como testemunha para as gerações vindouras.

Se nós assumíssemos a tarefa de fazer um balanço crítico desta experiência, mesmo correndo o risco de nossa leitura ser parcial e mediatizada pelos vestígios da memória, deveríamos destacar sua importância enquanto projeto coletivo de grande responsabilidade social, que superava a diversidade das identidades políticas intra-universitárias, através do compromisso explícito de acabar com a pobreza, a desigualdade e os abusos sociais.

Constituída num projeto político-acadêmico -amalgama dos projetos individuais de um grande grupo de professores e estudantes-, a "Oficina Total" conseguiu materializar-se por ter encontrado um "campo de possibilidades" propício para se desenvolver. Entretanto, rechaçamos a posição que afirma que *a política* foi o motor que impulsionou "todo" processo de mudança desenvolvido na época.

Pensando na universidade atual, onde vige a lógica da produção capitalista e onde os jovens estudantes são guiados por um projeto nacional fundado na disputa e na negação mútua, a distância com a experiência da Oficina Total vira um abismo intransponível e sua importância se destaca ainda mais.

Em relação ao que poderíamos chamar de desenho curricular, esta experiência nos ajuda a "desnaturalizar" a organização universitária dividida em cátedras e permite dimensionar a possibilidade de transformação da estrutura universitária. Com um desenho original, com o trabalho conjunto de professores e alunos em prol da resolução de um problema comum, a cátedra deixava de ser um foco principal e feudo autônomo, passava a unir-se à reflexão e ao trabalho de um conjunto de disciplinas, para abordar os objetos de conhecimento em forma abrangente e múltipla.

Esse processo não se produziu linear e harmonicamente. Foi fruto da luta e da convicção de professores e estudantes. Foi resultado do trabalho e do esforço de toda uma

geração, geração esta que, em muitos casos, ocupando lugares nas atuais cátedras universitárias argentinas, guardou o trabalho da Oficina na gaveta do esquecimento.

Bibliografia

Bibliografia

- Amuchástegui (1997) **La democracia prescriptiva. Los sentidos que educan a la juventud de los 70.** In: Puiggrós, A. (dir) *Dictaduras y utopías en la historia reciente de la educación argentina. (1955-1983)* Buenos Aires, Galerna, 1997.
- Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- Carli, Sandra. **Discurso estudiantil unviersitario, 1966-1976. El peronismo universitario.** (s/d) In: Susana José. *Las alternativas del Nacionalismo Popular* In: Puiggrós, A. et alii *Hacia una pedagogía de la imaginación para América Latina.* Buenos Aires: Contrapunto, 1988.
- Chartier, R. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas* Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 7. n° 13, 1994.
- _____ **Ensaio de Ego-História** Lisboa: Edições 70, 1989.
- Crespo, H. e Alzogaray, D. (1994) **Los estudiantes en el Mayo Cordobés.** *Estudios* n° 4 Dic. 1994 Centro de Estudios avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba.
- Cunha, L. A . **A universidade crítica.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- Delich, F. **Córdoba: la movilización permanente.** *Los libros* N°21, ag.1971.
- _____ **Crisis y protesta social. Córdoba 1969-1973** Siglo XXI, 1974 (2ª . edição ampliada).
- Falapa, I., Castro Rojas. *Los grupos armados durante mayo y septiembre de1969.* 1991, (mimeo).
- Ferreira, C. **La mirada de los otros. Voces recobradas.** *Revisa de historia oral.* Museo Histórico de la ciudad de Buenos Aires, ano 1, n° 1, 1998.
- Ferreira, M. e Amado, J. (org.) **Usos & abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

- Gordillo, M. **Los prolegomenos del Cordobazo**. *Revista de Desenvolvimento Económico* N°122, V.3, julho-set.1991
- Halbwachs, M. **A memória coletiva** São Paulo, Vértice, 1990.
- Le Goff, J. **Documento/Monumento**. In: *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- Lelis, I. **A polissemia do Magistério. Entre Mitos e Histórias**. Departamento de Educação PUC-Rio, Tese de Doutorado.
- Martínez, Silvia Alicia. **A didática crítica na Argentina: Recuperando uma memória**. PUC-Rio, Dissertação de Mestrado, 1993.
- Martínez Paz, F. **El sistema educativo nacional. Formación, desarrollo y crisis**. Córdoba, UNC, (5ª ed.) 1986.
- Neiburg, F. **A Invenção do Peronismo e a constituição das Ciências Sociais na Argentina**. UFRJ Museu Nacional: Tese de Doutorado, 1993.
- Nora, P. **Entre memória e historia. A problemática dos lugares** *Projeto História* São Paulo, n° 10, dez 1993 p. 7-28.
- Ollier, M. **El fenómeno insurreccional y la cultura política (1969-1973)** Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1986.
- Pollak, M. **Memória, esquecimento, silêncio** *Estudos Históricos*, V.2. N°3, 1989.
- Memória e Identidade social** *Estudos Históricos*, V.5. N°10, 1992, p.200-212.
- Portantiero, Juan Carlos **Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938)** México: Siglo XXI, 1978.
- **Encarar activamente una nueva reforma universitaria**. In: Puiggrós, Adriana. **Universidad, proyecto generacional y el imaginario pedagógico**. Buenos Aires: Paidós, 1993.
- Portelli, A . **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: *Projeto História*, N° 15 Ética e História Oral São Paulo, 1997, p:13-33.
- Puiggrós, Adriana. **Hacia una pedagogía de la imaginación para América Latina**. Buenos Aires: Contrapunto, 1988.

- _____ **Universidad, proyecto generacional y el imaginario pedagógico.** Buenos Aires: Paidós, 1993.
- _____ (dir.) **Dictaduras y utopías en la historia reciente de la educación argentina (1955-1983).** Buenos Aires, Galerna, 1997.
- Ribeiro, Darcy. **La universidad necesaria.** México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. (1ª ed. 1979.)
- Rock, D. **La argentina autoritaria. Los nacionalismos, su historia y su influencia en la vida pública.** Buenos Aires, Ariel, 1993;
- Roig, A. **Un proceso de cambio en la universidad argentina actual. (1966-1973)** In: *Filosofía, Universidad y Filósofos en América Latina.* Nuestra América, México: UNAM, 1981.
- _____ **La universidad hacia la Democracia. Bases doctrinarias e históricas para la constitución de una pedagogía participativa.** Mendoza, Universidad Nacional de Cuyo, 1998.
- _____ **Un experimento de pedagogía universitaria participativa. El ensayo de los años 1973-1974 en Mendoza.** In: Roig, A. *La universidad hacia la Democracia. Bases doctrinarias e históricas para la constitución de una pedagogía participativa.* Mendoza, Universidad Nacional de Cuyo, 1998
- _____ **Los métodos pedagógicos y su inserción en la vida.** In: *La universidad hacia la democracia.* Mendoza, UNC, 1998.
- Schieder, W. e Sellin, V (Eds.) *Sozialgeschichte in Deutschland, Gotinga, 1986-7,* apud Tenort, Heinz-Elmar, **Contenido y continente de la historia social de la educación. Lo que nos enseña la investigación histórica reciente acerca del sistema educativo alemán.** *Revista de Educación* N° 295, mayo-agos, 1991.
- Schmucler H. **El Cordobazo, la Universidad, la memoria.** In: *Estudios* N°4 Córdoba jul-dez 1994
- Schwarzstein, D. **La Historia Oral en América Latina.** In: *Historia y Fuente Oral,* Barcelona, N° 14, 1995.
- Scott, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade* 16(2), julho-dez.1990.

- Shön, Donald **La formación de profesionales reflexivos. Hacia un nuevo diseño de la enseñanza y el aprendizaje de las profesiones.** Barcelona: Paidós, 1992.
- Sigal, S. **Intelectuales y poder en la década del sesenta.** Buenos Aires, Puntosur, 1991.
- Simões Paes, M. H. **A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política.** São Paulo: Ática, 1992.
- Sirinelli **A geração** In: Ferreira, M. e Amado, J. (org.) *Usos & abusos da História Oral.* Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.
- Terán, O . **Nuestros años sesentas** Buenos Aires: Puntosur, 1991
- Torres, J. C. **A partir del cordobazo.** Córdoba: *Estudios*, julio-dic. 1994, p. 15-24.
- Torti, M. **Protesta social y “Nueva Izquierda” en la Argentina del “Gran Acuerdo Nacional”.** *Taller. Revista de Sociedad, Cultura y Política.* Vol.3, Nº6, 1998.
- Trindade, H. **Universidade em perspectiva. Sociedade, conhecimento e poder.** *Revista Brasileira de Educação* Nº 10, jan-abr 1999.
- Velho, Gilberto **Projeto e metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- Yerushalmi, Y. **Reflexões sobre el olvido.** In: Yerushalmi, Y; Lourax, N. Mommsen, H; Vattimo, G. *Usos del Olvido.* Buenos Aires: Nueva Visión, 1989.

Fontes escritas

- AAVV *“La educación avanzada y el desarrollo de América Latina”* México, Banco Interamericano de Desarrollo, 1965. Prólogo de Felipe Herrera.
- Copia de la publicación de la Facultad de Arquitectura y urbanismo de la Universidad Nacional de Córdoba referida a la síntesis de la terea realizada por docentes y alumnos de dicha Facultad a través del Taller Total. Septiembre de 1971.
- Ley Orgánica de las Universidades Nacionales (Ley Nº 17.245), 1967
- Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Arquitectura y Urbanismo - Taller Total. Aporte a la coordinación de Planes de Estudio de Facultades de Arquitectura de las Universidades Nacionales, 1975.

Universidad Nacional de Córdoba Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Equipo de Pedagogía y Psicología. Taller Total. Algunos aspectos pedagógicos y psicológicos, 1970.

Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Arquitectura y Urbanismo. - Taller Total. Plan de Estudios.

Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Informe sobre las evaluaciones realizadas por las comisiones de trabajo. Taller Total, 1970